



02

VIAJANTE PROFISSIONAL

PROFESSIONAL TRAVELLER

AS

W CONQUISTOU O MUNDO COM A SUA ARTE QUE FALA A LÍNGUA DA POP. GRAFFITER, DIRETOR DE ARTE, MESTRE DE CERIMÓNIAS E EMPRESÁRIO, **ANDRÉ SARAIVA** ESTÁ EM TODAS... E EM TODO O LADO.

WHE HAS CONQUERED THE WORLD WITH HIS POP-STYLE ART. GRAFFITI ARTIST, ART DIRECTOR, MC AND ENTREPRENEUR, ANDRÉ SARAIVA IS IN EVERYTHING... AND EVERYWHERE.

\* \* por/by MARIA ANA VENTURA

\* \* Foto / photo VASCO COLOMBO

\* \*



**VIAJANTE PROFISSIONAL /**  
 PROFESSIONAL TRAVELLER


**A** princípio é simples, anda-se sozinho. Escondido sob o manto da noite, toma-se a cidade de assalto com uma lata de tinta em spray na mão. Fugindo de olhares indiscretos (os da polícia especialmente) deixa-se a assinatura na parede. Na dele lê-se em letras gordas: André. Estamos em meados da década de 80, em Paris. O graffiti acabou de chegar à Europa e o jovem André Saraiva é um dos que entra na onda da contracultura que já dá que falar nos EUA. Poucos anos depois (algures em 1993/1994), o seu nome desaparece do mapa para dar lugar a um boneco. Figura pernilonga de sorriso rasgado, um olho piscando, outro risonho. Tem um ar bonacheirão e pinta de *bon-vivant*. Chama-se Monsieur A. (ou Mr. A) e mais não é do que um “alter ego, amigo e sombra” do homem de carne e osso que o pinta.

Em menos de três tempos, Mr. A já não anda só por Paris, está também em Estocolmo, Nova Iorque, Los Angeles, Lisboa e noutras cidades por onde André vai passando. Vemo-lo em esquinas, montras, fachadas, caixas de correio e muros. Ora de cartola, ora alado, ou até feminino.

Uns chamam-lhe vandalismo, mas André prefere rotular o graffiti como “um bonito crime”. “Ser ilegal (e consequentemente perigoso), só o tornou mais interessante, para mim, pelo menos.” Eis senão quando, no virar do século, o mundo começa a olhar a arte nascida nas ruas com olhos de ver e percebe que de marginal ela tem pouco: é arte e ponto final. A epifania global transforma André num dos melhores exemplos de como o graffiti foi apropriado pelo sistema. Mr. A entra na alta roda da moda e do luxo e vai aparecendo em écharpes da Louis Vuitton, em latas de caviar e em mostradores de relógios que custam milhares.

#### O CÉLEBRE ANÔNIMO

André vê a arte como um bem de consumo, de entretenimento e de prazer. Quem vê a arte de André, olha-o à

**T**he principle is simple; you do it alone. Hidden under the cloak of darkness, you take the city by storm carrying a can of spray paint. Away from prying eyes (those of the police in particular) you leave your signature on the wall. His reads, in thick letters: André. It's mid-1980s Paris. Graffiti had just reached Europe and young André Saraiva is someone who wants in on the counterculture that's news in the States. Just a few years later, his name disappears off the map to make way for a smiling, lanky figure with one eye closed and the other wide open. He has a kind air and looks rather like a *bon-vivant*. He's called Monsieur A. (or Mr. A) and is nothing more than an “alter ego, friend and shadow” of the flesh and bone man who paints him.

Soon, Mr. A not only appears in Paris, but also in Stockholm, New York, Los Angeles, Lisbon and other cities André visits. We see him on corners, on shop windows, facades, post boxes and walls. Sometimes wearing a top hat, other times winged and even feminine.

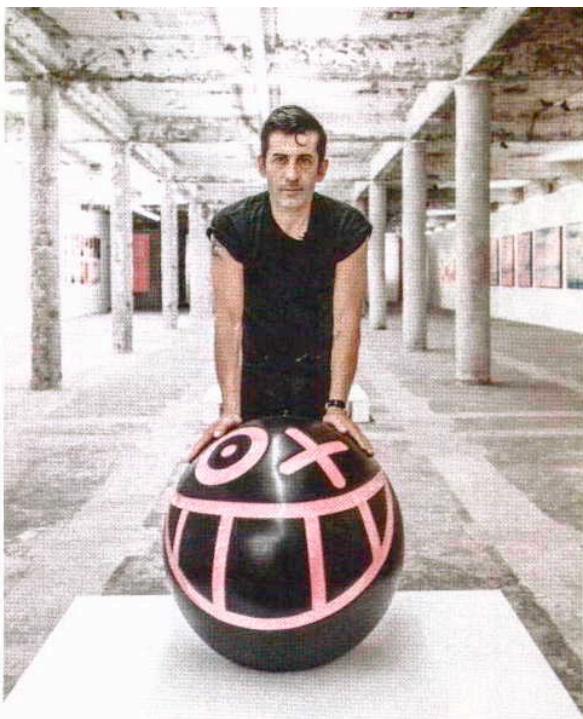
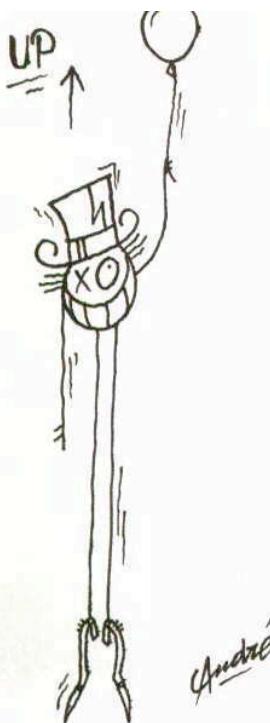
Some call it vandalism but André prefers to describe graffiti as “a beautiful crime”. “Being illegal (and therefore dangerous), only made it more interesting; at least for me.” At the turn of the century, the world begins to view street art differently and realises that it isn't criminal: it's art, full stop. The global epiphany makes André one of the best examples of how graffiti was appropriated by the system. Mr. A enters high fashion and the world of luxury and appears on Louis Vuitton scarves, tins of caviar and the cases of watches that cost thousands.

#### THE ANONYMOUS CELEBRITY

André sees art as a consumer good, entertainment and pleasure. Anyone who looks at André's art finds a bohemian, passionate, free and provocative spirit.

Having never given up graffiti, which lent him “the essence, style, the courage to break the rules and freedom” to do whatever he pleases (including paying tribute to Mickey Mouse's 90th birthday with a sculpture considered overly-erotic for Disney's taste), André has been exploring other artistic areas, like painting, instal-

**André tem vindo a explorar outros terrenos artísticos, como a pintura, a instalação, a serigrafia, a escultura, ou vídeo.**  
**André has been exploring other artistic areas, like painting, installation, silkscreen printing, sculpture or video.**



&gt;

lupa e descobre o seu espírito boêmio, apaixonado, livre e provocador.

Sem nunca largar da mão o graffiti, que lhe deu "a essência, o estilo, a coragem de ir contra as regras e a liberdade" para fazer o que muito bem entende (inclusive homenagear os noventa anos de Mickey Mouse com uma escultura demasiado erótica para os padrões da Disney), André tem vindo a explorar outros terrenos artísticos, como a pintura, a instalação, a serigrafia, a escultura, o vídeo ou a direção criativa da revista *L'Officiel Hommes*.

Entre os seus mais recentes projetos contam-se as séries "Dream Concerts", "Love Graffiti" e "Andrépolis". A primeira é uma série de cartazes que apregoam concertos onde alinhama bandas e músicos – vivos ou não – como Serge Gainsbourg, Daft Punk, Phoenix, Beach Boys ou Bob Dylan. Nenhum chegará a acontecer de facto senão na cabeça de André, que espalha estes posters um pouco por toda a parte chegando mesmo a gerar filas à porta das supostas localizações dos supostos concertos. "Love Graffiti" é a materialização do amor. André – que tem por hábito monumentalizar os nomes das suas amantes e entes queridos nas montras e esquinas das cidades –, lançou o desafio nas redes sociais: "Contem-me as histórias de amor e digam-me por é que querem fazer uma dedicatória à vossa(o) namorada(o) e eu pintarei o nome dela(e) em letras garrafais para toda a gente ver". Bem dito, bem feito: que o digam a Aurora, a Chloe, Nicolas e muitos outros apaixonados por esse mundo fora.

Por fim, "Andrépolis", que é talvez a mais completa realização da sua visão e universo artístico. Uma instalação de quinze esculturas monumentais que formam uma paisagem urbana profusa de néons e de arranha-céus que são nightclubs. De facto, André mexe-se no mundo da noite com o mesmo à-vontade com que o faz no mundo das artes. Desde há dez anos, com sócios de todo o mundo, André abriu, primeiro em Paris, depois em Tóquio, Nova Iorque e Londres, o Le Baron: ponto de encontro de artistas, de quem gosta de boa música e de quem quer fugir ao roteiro comercial da noite. O carisma

lation, silkscreen printing, sculpture, video and working as a creative director for the magazine *L'Officiel Hommes*.

Some of his most recent projects include the series "Dream Concerts", "Love Graffiti" and "Andrépolis". The first is a series of posters that advertise concerts featuring bands and musicians (living or deceased), such as Serge Gainsbourg, Daft Punk, Phoenix, Beach Boys and Bob Dylan. None of them will take place except in André's mind, who puts up these posters all over, leading to queues outside the venues of these mythical events. "Love Graffiti" is the incarnation of love. André, who is in the habit of daubing the name of his lovers and loved ones on shop windows and corners of cities, set the challenge on social networks: "Tell me your love stories and why you what a message for your partner and I will paint their name in bold letters for everyone to see". And he was true to his word, as Aurora, Chloe, Nicolas and many other people in love can attest.

Lastly, there's "Andrépolis", which is perhaps the most complete achievement of his vision and artistic world and an installation made up of 15 monumental sculptures that form an urban landscape full of neon and skyscrapers that are nightclubs. Actually, André is as much at home with nightlife as he is with the world of art. Over the last ten years, alongside partners from all over the world, he has opened Le Baron in Paris (the first), Tokyo, New York and London: a meeting point for artists, music lovers and those wanting to flee the usual nightlife haunts. Those who know him best say that his greatest assets is his charisma: whether in this type of venture, in the arts or in his personal life.

#### THE OUTSIDER

"I'm of the world and from nowhere. I don't feel French or Portuguese. I'm always an outsider", he says. In fact, the title of Albert Camus' book (which is his favourite), suits him down to the ground. André calls Paris, New York, as well as Hotel Chateau Marmont in Los Angeles "home", but he's in all different places. In the same month, he might be setting up an exhibition in a hotel in

#### PERFIL / PROFILE

**W** O ADN é português. O B.I. diz que o local de nascimento é Uppsala, na Suécia. Filho de portugueses fugidos à ditadura, André Saraiwa cresceu em Paris, onde começou a sua carreira como graffiter. Das ruas para as melhores galerias de arte, André é uma prova viva de como a linguagem marginal e irreverente do graffiti foi sendo apropriada pelo sistema e pelas instituições. A sua obra é pop e tem tanto de irônica, quanto de provocadora, sexual e irreverente. André é também o diretor de arte da revista *L'Officiel Hommes*, proprietário dos clubes Le Baron (em Paris, Tóquio, Nova Iorque e Londres) e co-proprietário (com Thierry Costes) do Hotel Amour, em Paris. Entre as suas referências no mundo da arte constam Keith Haring, Marcel Duchamp e Gordon Matta-Clark. É um dos street artists que aparecem em *Exit Through the Gift Shop*, o filme de Banksy, a quem, mais do que a obra, admira o facto de nunca ter saído do anonimato.

**W** His DNA is Portuguese. His identity card says he was born in Uppsala, in Sweden. Son of Portuguese parents who fled the dictatorship in Portugal, André Saraiwa grew up in Paris, where he began his career as a graffiti artist. From the street to the best art galleries, André is living proof that the irreverence of graffiti was gradually appropriated by the system and institutions. His work is clearly pop, as well as ironic, provocative and sexual. André is also the art director of *L'Officiel Hommes*, owner of the Le Baron clubs (in Paris, Tokyo, New York and London) and co-owner (with Thierry Costes) of Hotel Amour, in Paris. His influences from the art world include Keith Haring, Marcel Duchamp and Gordon Matta-Clark. He is one of the street artists who appears in *Exit Through the Gift Shop*, the film made by Banksy, whom, more than his work, he admires for maintaining his anonymity.

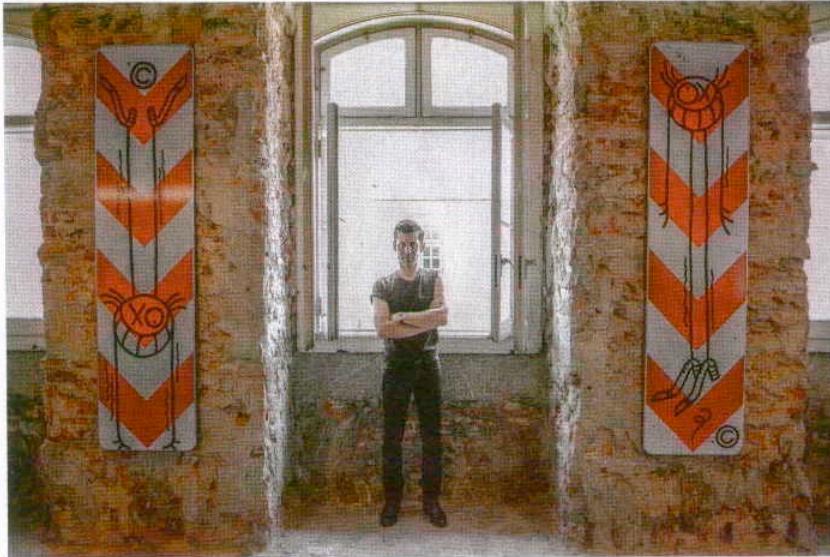


## ANDRÉ SARAIVA NO / AT MUDE

**W** Desenhada como uma grande instalação, a exposição de André Saraiva em Lisboa é um mergulho no mundo pop que atravessa os seus vários universos artísticos. Mais de 200 peças, entre telas, cartazes da série "Dream Concerts", fotografias, objetos pessoais - como a primeira multa por graffiti em Paris -, mil e um Mr. A(s) nas suas mais variadas formas, feitos e aplicações, enchem as paredes descarnadas e as vitrines do terceiro piso do MUDE. Há também espaço para "Andrépolis" (a utopia urbana de Saraiva) e para uma antevisão do que será o mural em azulejo que, em parceria com a Prébuil, a fábrica de azulejos Viúva Lamego e a Câmara Municipal de Lisboa, no Jardim Boto Machado: "Um desafio inédito na minha carreira".

**W** Designed as a large installation, André Saraiva's exhibition in Lisbon is an immersion in the pop world that appears in his different artistic universes. Over 200 pieces, including canvases, posters from the "Dream Concerts" series, photographs, personal items (like his first Paris graffiti fine) and countless Mr. As in his various guises, cover the bare walls of the third floor of MUDE. There is also space for "Andrépolis" (Saraiva's urban tile factory and Lisbon City Council, the artist will create in Lisbon's Jardim Boto Machado: "An unprecedented challenge in my career".

MUDE W +351 218 886 117 W  
www.mude.pt W Até / until  
30.09.14 W terça a domingo /  
Tuesday to Sunday, 10h - 18h W  
Entrada livre / Free



&gt;

de André, garantem os que melhor o conhecem, é o seu grande trunfo: seja na noite, nas artes ou na vida pessoal.

### O ESTRANGEIRO

"Sou do mundo e de lado nenhum. Não me sinto francês, nem português. Sou sempre um estrangeiro", diz ele. De facto, o título da obra de Albert Camus - o seu romance favorito - assenta-lhe como uma luva. André chama "casa" a Paris, Nova Iorque e também ao Hotel Chateau Marmont, em Los Angeles, mas está um pouco por todo o lado. No mesmo mês, pode estar a montar uma exposição num hotel em Saint Tropez e a abrir um Le Baron pop-up na Córsega ou na Bienal de Veneza. Pode andar pelas ruas de Tóquio a afixar cartazes de um concerto fictício ou a escrever nomes de mulheres em paredes devolutivas. Pode estar a ser fotografado para a capa da *L'Officiel Hommes* em Paris ou a divertir-se no Festival de Cinema de Cannes.

Mais do que um divertimento, e muito longe do conceito de "turismo", as viagens de André são ferramentas de trabalho. "Inspiro-me nos lugares que vou conhecendo e trago-os, de uma maneira ou de outra, para aquilo que faço. O design japonês, a cultura americana do billboard, ou até o som dos elétricos de Lisboa são muito perceptíveis nos meus trabalhos." Porque no seu âmago, sempre foi, e é será, um graffiter, André continua a deixar a sua marca nas paredes, em cada viagem que faz. Já não restam nem muitos países, nem muitas cidades, nem muitas paredes em branco, "talvez no Cazaquistão e em Angola", diz, meio a brincar, meio a sério.

Até ao fim do mês, André estará em Lisboa com a primeira exposição em nome próprio no país que lhe corre nas veias. A mostra no MUDE, garante ele, não é uma exposição de graffiti (esse é feito nas ruas, sozinho, à noite, pertence à cidade e às suas pessoas), nem é uma retrospectiva, mas antes "uma forma de apresentar o trabalho que tenho feito nos últimos 20 anos".

Glenn O'Brien (membro da Factory de Andy Warhol e um dos mais influentes editores norte-americanos) diz que "André mostra que se agirmos como se fôssemos donos do mundo talvez o sejamos realmente" e não está longe da verdade. ↗

&gt;

Saint Tropez and opening a pop-up Le Baron in Corsica or at the Venice Biennale. He might be wandering the streets of Tokyo putting up posters for a fictitious concert or writing the names of women on derelict walls. He might be photographed for the cover of *L'Officiel Hommes* in Paris or enjoying himself at the Cannes Film Festival.

More than just enjoyment, and far from being "tourism", for André, travel is a tool for his trade. "I find inspiration in the places that I visit and incorporate them, one way or another, in what I do. Japanese design, the American billboard culture or even the sound of the Lisbon trams are very perceptible in my work." Because, deep down, he has always been (and always will be) a graffiti artist, André continues to leave his mark on walls, on every trip he makes. There are few countries or cities or walls left untouched, "perhaps in Kazakhstan and Angola", he says, half joking.

At the end of the month, André will be in Lisbon for his first solo exhibition in the country of his ancestors. He says that the exhibition at MUDE is not about graffiti (that is done in the streets, alone, at night, it belongs to the city and the people), it is not a retrospective but rather "a way of presenting the work I've been doing over the last 20 years" (see inset).

Glenn O'Brien (member of Andy Warhol's Factory and one of the most influential North American editors) says that "André shows that if we act as if we own the world, perhaps we really do" and that's not too far from the truth. ↗

**102**

viajante profissional /

professional traveller

André Saraiva

**ANDRE SARAIVA URBANO POR  
NATUREZA URBAN ARTIST BY NATURE**

